Organização
Antonieta Miguel

Coautoria
Isadora Xavier da Silva
Rick de Jesus Santos
Sâmila Rodrigues da Silva Lopes



UNEB
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

PROGRAMA AFIRMATIVA

CADERNO DE BIOGRAFIAS

Docentes negros na Bahia

Pedro & João editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Antonieta Miguel [Org.]
Isadora Xavier da Silva; Rick de Jesus Santos; Sâmila Rodrigues da Silva Lopes [Coautores]

Caderno de biografias: docentes negros na Bahia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 37p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2549-4 [Impresso]
978-65-265-2550-0 [Digital]
DOI: 10.51795/9786526525500

1. Docentes negros – Bahia. 2. História da Educação – Bahia. 3. Trajetória docente. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

APRESENTAÇÃO

Dina Maria Rosário dos Santos
Pró-Reitora de Ações Afirmativas – PROAF UNEB

Quando eu li, pela primeira vez, a obra Cadernos de Biografias: Docentes negros na Bahia pensei: - Como é importante, necessário e revolucionário pesquisar, sistematizar e divulgar sobre nós. Eis uma pesquisa "Afirmativa"!

Confesso que a leitura produziu em mim mais espaços de alegria e regozijo. No encontro com cada um(a) das(os) docentes biografada(os), me flagrei ecoando Nego Bispo ao pensar: "eu vou falar de nós ganhando, porque falar de nós perdendo, eles já falam". (BISPO, 2023, s/n.º).

Antonieta Miguel, Isadora Xavier da Silva, Rick de Jesus Santos e Samila Rodrigues da Silva onto e epistemológico, político e socialmente, disruptivamente escolheram "falar de nós ganhando". Ainda hoje é disruptivo racializar os saberes e as sabenças de professoras e professores. Assumir e visibilizar a memória de docentes negras e negros, na terra de Anísio Teixeira, é fazer ecoar a voz dos que sempre estiveram presentes e foram/são presença na cotidianeidade fazedora de mudanças do chão da escola.

Cadernos de Biografias: Docentes negros na Bahia, no momento onde Organização das Nações Unidas discute a "crise global de escassez de professores", é um chamado para que tenhamos consciência do quanto se faz necessário que nos debrucemos na produção de narrativas sobre nós. Enquanto eles discutem a crise nós ainda estamos lutando para assegurar aos nossos uma escolarização antirracista que promova justiça com os conhecimentos historicamente

produzidos pelos nossos, em África, no Brasil e na Bahia.

Ouso afirmar que Emília de Oliveira Lobo Viana, Alfredo José da Silva, Elias de Figueiredo Nazarethas, Francelino do Espírito Santo Pereira de Andrade, Francisco José de Santa'Anna, Martiniano de Santana, Presciliano José Leal e Vicente Ferreira Café não são intelectuais anônimos da educação. São intelectuais intencionalmente eclipsados para legitimar uma versão da educação baiana, laboral e pedagógica, protagonizada por pessoas cujas posses, nascidas do roubo colonial, criaram para si a crença de que apenas elas são capazes de produzir futuridades no nosso país.

Felicito, honro e entoo rezos aos que vieram antes, para os que virão depois e para Antonieta, Isadora, Rick, Sâmila no momento presente. Presentifico suas memórias e suas vidas enraizadamente encharcadas de sertanidades unebianas pois "eu vou falar de nós ganhando, porque falar de nós perdendo, eles já falam".

Dina Maria Rosário dos Santos

Referências

BISPO, Nego. Eu vou falar de nós ganhando. Porque pra falar de nós perdendo eles já falam. Instagram @rocadequilombo, 02 dez. 2023.

PREFÁCIO

Elizabete Conceição Santana

Os estudos empreendidos nas últimas décadas por pesquisadores de várias regiões do país ampliaram a nossa compreensão sobre o papel dos professores na construção da escola primária no Brasil e na Bahia. São eles os verdadeiros construtores da escola e da história da educação.

A partir da produção ou leitura desses estudos, aprendi que, através das leis e dos regulamentos do ensino, as autoridades prescrevem, impõem, normatizam. Do alto do poder que concentram, esses personagens "decretam" como deve ser o funcionamento administrativo e pedagógico da escola. Porém, são os professores que assumem o papel de atores cujo fazer consiste em traduzir as prescrições e normas em ações concretas. São eles os mediadores entre o projeto desenhado nas leis de reforma e as possibilidades de concretização ditadas pela realidade presente no chão da escola.

O fazer docente exige reinterpretações, transgressões, críticas e inovações. Exige coragem, competência e uma espécie de "sabedoria" pautada no conhecimento dos mestres sobre suas próprias circunstâncias, as dos alunos e as da comunidade onde atuam.

O professor Sá Teles, ele mesmo um "Mestre-escola" com uma trajetória profissional iniciada no interior do estado no ano de 1937, depois do exercício de altos cargos na área da educação, reconheceu a magnitude do papel do professor ao afirmar que: O mestre [...] realiza um trabalho anônimo, difícil de ser sentido e percebido. Milhares de professores leigos formados públicos ou particulares, diretores, inspetores, orientadores, [...] fizeram a história da nossa pedagogia (Teles, p.9, 1989).

Mas a história dos atores anônimos que construíram a nossa escola permanece nas sombras. Entre nós, poucos se dedicaram a ela. Não é fácil escrevê-la. Seu estudo inclui uma ampla temática e encontra muitas dificuldades, entre as quais sobressaem as de ordem metodológica e de acesso às fontes, ambas abordadas com competência no texto "(IN) CONCLUSÕES PARA FUTUROS PESQUISADORES" que finaliza esta obra.

As dificuldades aumentam quando se trata de contar a história dos professores negros. Em tal caso, a invisibilidade e o apagamento começam pela ocultação dos traços físicos e da origem racial dos sujeitos investigados. Documentos oficiais, artigos de jornais e outros textos não trazem referências à cor dos alunos e professores das escolas do Império e da República.

Apesar das dificuldades, estudos recentes da história da educação da Bahia com foco nas práticas e na cultura escolar apontam uma expressiva presença de educadores negros entre nós. Indícios estão sendo encontrados, mesmo em investigações que não tem como objetivo principal estudar a profissão docente. Ainda que pouco numerosos e esparsos, os estudos apontam que o protagonismo desses professores ocorreu em várias direções. Daí a relevância do" CADERNO DE BIOGRAFIAS: Docentes negros na Bahia" produzido por Antonieta Miguel e seus orientandos: Isadora Xavier, Rick de Jesus Santos e Sâmila Rodrigues da Silva Lopes.

Obra importante que amplia o número de professores negros já identificados ao trazer a biografia de alguns atores até agora ausentes da história da educação baiana e ao acrescer novos elementos às referências a outros que já foram objeto de registros em textos de diferentes autores.

Relevante por seu contexto de produção — um ambiente de ensino onde uma professora pesquisadora conquista universitários, orientando-os na construção de um interesse que pode se tornar duradouro.

Marcante, também. Um olhar sobre as fontes utilizadas revela as possibilidades de novas abordagens e instiga os interessados no tema a buscar novas evidências. As referências registradas ao fim de cada biografia indicam que informações foram localizadas em teses, dissertações, almanaques, jornais, obras de memorialistas, inventários e em documentos oficiais, especialmente os escritos de delegados escolares produzidos na realização de suas tarefas habituais. Os registros apontam ainda para o uso potencial de uma fonte mais contemporânea, que são os sites e blogs criados e alimentados por pessoas desejosas de relembrar e ou preservar a memória das cidades onde nasceram ou passaram uma parte de suas vidas. Em uma Bahia marcada pela inexistência de iniciativas voltadas para a preservação da memória da escola e da educação, tais fontes merecem ser consideradas, criticadas, confrontadas com outras, valorizadas e estimuladas, pois representam a iniciativa particular assumindo um protagonismo diante do vazio de iniciativas oficiais.

Para além de todos os aspectos relevantes observados na leitura do caderno de biografias que a Doutora Antonieta Miguel e seus orientandos estão divulgando, é preciso ressaltar que a obra anuncia, sobretudo, a necessidade de ampliar, consolidar e interligar as investigações sobre a história dos professores negros da Bahia e da sua contribuição na construção de nossa escola primária e dos demais graus do ensino.

Por fim, complemento esta breve reflexão concluindo que cabe a nós, pesquisadores em exercício, continuar a nossa labuta em torno de tal empreendimento. Porém, alerto para o fato de que a tarefa só poderá se efetivar de modo pleno se conseguirmos conquistar, encantar e engajar no estudo dos temas relacionados à nossa história da educação aqueles que serão os pesquisadores do futuro — os estudantes que hoje frequentam os cursos universitários ministrados nas diversas regiões do estado.

Referências

Teles, José Francisco de Sá. Subsídios à história da pedagogia e da educação na Bahia: recordações de um Mestre-escola. 2.ed. Brasília. Senado Federal, Centro Gráfico,1989.

AGRADECIMENTOS

ISADORA XAVIER

O sentimento é de agradecimento e realização de um incrível trabalho. Pois o desenvolvimento deste caderno biográfico contou com a ajuda de pessoas especiais para minha jornada acadêmica, dentre as quais agradeço: a professora orientadora, Antonieta Miguel, que deu todo auxílio necessário para a elaboração do projeto. Minha mensagem de agradecimento estende-se à comunidade acadêmica em geral, por criar um ambiente de crescimento mútuo e troca constante de conhecimento. A todos que participaram diretamente da pesquisa, pela colaboração no processo de obtenção de fontes, em especial Sâmila Rodrigues e Rick Santos. A minha família, que me incentivou a cada momento e aos meus amigos da graduação, pelo e apoio.

RICK DE JESUS

Primeiramente agradecer ao universo, por me proporcionar essa experiência incrível, e minha mãe por sempre me apoiar nas minhas escolhas e logo a minha orientadora Antonieta Miguel, pois nada disso seria possível sem a sua direção. Sua dedicação e apoio tornaram esta pesquisa muito mais interessante e especial. Cada biografia dessa, foi um desafio e saber que alcançamos esse feito, é a maior recompensa. Gratidão as minhas amigas de pesquisa Isadora Xavier e Sâmila Rodrigues por serem tão parceiras. Espero que tenham desfrutado desta viagem tanto quanto eu. Que as lembranças destas páginas permaneçam vivas e que novas aventuras literárias estejam sempre à espreita. Com profunda gratidão, Rick de Jesus Santos.

SÂMILA RODRIGUES

Agradeço, primeiramente, ao Pai Celeste. Acredito que sem ele, nada disso seria possível. Agradeço à minha Mainha e à minha tia Suna pelo apoio, inspiração, amor e dedicação. Aos meus irmãos e amigos pelo incentivo, em especial a Esther, Maxsuel, Gabriella, Jaminnie, Rick, Isadora, Vitória e à minha irmã Andressa. Espero um dia retribuir todo o carinho, amor e ajuda que vocês me deram. Por fim, principalmente à minha orientadora, agradeço de coração. A senhora me deu muita força e incentivo espiritual para chegar até aqui. Foi com carinho e assertividade que a senhora ajudou. Gratidão eterna a vocês!

VOZES E CAMINHOS: EDUCADORES(AS) NEGROS(AS) BAIANOS(AS)

Rick de Jesus Santos

Explorando as páginas da história esquecida, esta obra lança luz sobre os educadores negros cujas vozes ecoaram nos finais do século XIX e no início do XX. Das salas de aula segregadas às conquistas notáveis, esta é uma narrativa dedicada aos docentes negros cujas trajetórias profissionais desafiaram as barreiras da discriminação, moldando o futuro através do poder transformador da educação.

Este Caderno de Biografias é uma homenagem aos intelectuais anônimos da educação, aos mestres que moldaram mentes e, ao fazê-los, transformaram não só a sua comunidade e região, mas uma sociedade. Através das páginas destas biografias, convidamos os (as) leitores (as) a reconhecerem e celebrarem as conquistas desses educadores, cujo legado ressoa até os dias atuais, inspirando uma reflexão profunda sobre justiça, igualdade e a importância inegável da educação baiana na construção de um futuro mais inclusivo e justo. Ao examinar eventos localizados, na perspectiva da micro-história, o resultado desta pesquisa contribui para uma compreensão mais rica e matizada do passado, desafiando a ideia de que a história é feita apenas por grandes eventos e personalidades.

A micro-história é uma abordagem valiosa que enriqueceu a disciplina histórica ao focalizar eventos, indivíduos e comunidades específicos. Sua ênfase na análise minuciosa de fontes locais e experiências

cotidianas proporciona uma compreensão mais profunda da complexidade histórica. No entanto, algumas críticas destacam desafios potenciais, como a possível generalização a partir de casos individuais e a tendência a negligenciar contextos mais amplos.

As Biografias presentes neste caderno relatam a intelectualidade de uma parcela do professorado baiano: são sujeitos que fizeram parte de organizações coletivas e dos movimentos de classe do professorado primário. Dessa forma, mantinham boas relações com a imprensa, escreviam e publicavam artigos nos jornais da cidade, manifestando-se publicamente em defesa da classe do professorado e da educação. Ocupavam cargos importantes, atuantes como diretores, inspetores e delegados escolares além de ocuparem cargos políticos e fazerem parte das elites políticas locais.

Dentre as biografias é possível identificar uma Família composta por três gerações de professores negros, atuantes no interior do estado: Martiniano Sant'Anna, Francisco Sant'Anna, Odília Josephina e Otácia Sant'Anna, sendo que destas últimas pouco sabemos, cabendo assim às novas pesquisas investigarem sua carreira docente. Martiniano e Francisco contribuíram para instrução de uma parte da população no século XIX que não tiverem a oportunidade de frequentar a escola quando crianças, ambos fundaram suas escolas noturnas no interior do estado, anos depois Francisco também funda um Internato com o nome da família no município de Rio de Contas.

Por fim, nossa intenção com a publicação deste caderno biográfico é contribuir para a construção dos 200 anos de instrução pública baiana e também divulgar os resultados de nossas pesquisas no edital 073/2022 do IC AFIRMATIVAS. Aqui apresentamos o levantamento de

fontes que realizamos nos Arquivos e Câmaras municipais, revistas e jornais da região, bem como na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, especialmente no Arquivo Público da Bahia. Os resultados dessa pesquisa são de grande importância para ampliar o leque de possibilidades abertas para discussões sobre essa temática, contribuindo assim para o aumento do conhecimento sobre as práticas de escolarização e trajetória docente negras e negros anteriores a nós.

Boa leitura! Estamos à disposição para comentários, sugestões, propostas e qualquer outra ação que fortaleça e estimule pesquisas em história da educação negra baiana.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **3**

PREFÁCIO **5**

AGRADECIMENTOS **9**

VOZES E CAMINHOS: EDUCADORES(AS) NEGROS(AS) BAIANOS(AS) **11**

ALFREDO JOSÉ DA SILVA 15

ELIAS DE FIGUEIREDO NAZARETHAS 17

EMÍLIA DE OLIVEIRA LOBO VIANNA 19

FRANCELLINO DO ESPÍRITO SANTO 21

FRANCISCO JOSÉ DE SANT'ANNA 23

MARTINIANO DE SANT'ANA 26

PRESCILIANO JOSÉ LEAL 30

VICENTE FERREIRA CAFÉ 32

(IN) CONCLUSÕES 34

ALFREDO JOSÉ DA SILVA



Antonieta Miguel

Filho de Maria Afra da Costa e de Leonardo José da Silva, o professor Alfredo José da Silva nasceu em Santo Amaro da Purificação, na freguesia de Nossa Senhora d'Ajuda do Bom Jardim. Estudou em 1898 na escola do sexo masculino de Santana de Lustosa, regida pelo professor Deocleciano Barbosa de Castro. Em 1902 ingressou no Instituto Normal da Bahia, se formando em 1905. Exerceu o magistério na Escola Elementar do sexo masculino em Vila Velha até 1915, depois foi removido para cadeira no Arraial de Carrapato, na cidade de Minas do Rio de Contas. Atuou na cidade até 1919 quando foi removido para a cadeira de 2ª classe da cidade de Dr. Seabra. Em Rio de Contas mantinha boas relações com a imprensa, publicando vários artigos no jornal da cidade, O Cinzel, como A Escola (1913) e A Escola e a Religião (1914). Era amigo de Francisco Santana, professor primário do distrito sede de Minas do Rio de Contas e proprietário do Internato Sant'Anna. Em 1926 foi nomeado

professor catedrático de Língua Portuguesa da Escola Normal de Caetité, em 1927 assumiu a redação da Revista da Escola Normal e em 1930 foi designado para o cargo de diretor da instituição, permanecendo no posto até 1935. Também manteve relações estreitas com as elites políticas locais, chegando ao cargo de prefeito de Caetité em 1945. Possuía uma biblioteca considerável para a época, com cerca de 3.500 volumes que serviram de base teórica para o desenvolvimento de seu pensamento, considerado por pesquisadores contemporâneos bastante conservador. Escreveu manuscritos sobre Literatura e formação do Brasil. Casou--se em se em 1912 e teve 7 filhos. Foi patrono da cadeira 6 da Academia Caetiteense de Letras.

Referências

Cf. SANTOS; PINTO, 2020; SANTOS, 2018; TOLEDO, 2008; O Cinzel, 20 de maio de 1919; 15 de O Cinzel, 20 de maio de 1919; 15 de março de 1915; 10de março de 1913; 20 de janeiro de 1914; 4 de novembro de 1914; https://academiacaetiteense.fandom.com/ptbr/wiki/Alfredo_Jos%C3%A9_da_Silvawiki/Alfredo_ Jos%C3%A9_da_Silva Acesso em 14/02/2021; http://raquelprofessorinha.blogspot.com/2008/12/colegas--ee-professores--dede--rrachel.html Acesso em 14/02/2021achel.html Acesso em 14/02/2021.

ELIAS DE FIGUEIREDO NAZARETHAS



Antonieta Miguel

O professor Elias Nazareth se habilitou para o magistério em 1871. Em menos de um ano, em março de 1872, foi nomeado para a cadeira de sexo masculino, na freguesia de São Pedro, na capital, sendo que em 1878 contava com 91 alunos, depois foi inspetor de ensino. Assumiu a cadeira de Práticas de Métodos no Externato Normal de Homens, além dessa disciplina lecionou Desenho Linear, Português e História Universal. Entre 1912 e 1921 foi diretor da Escola Normal da Bahia e teve participação importante na legislação educacional de 1914 e 1918, o educacional de 1914 e 1918, quando sua proposta de introdução da disciplina de Antropologia Pedagógica e Psicologia Experimental. Ainda lecionou no Colégio São Luiz Gonzaga no final da década de 1890. Apesar da falta de informação sobre sua vida pessoal e familiar, encontrei dados

do professor Nazareth como fiador de uma dívida da professora de Maragojipinho, d. Antonia Possidonia Nazareth, que pelo sobrenome semelhante pode indicar algum parentesco. Mantinha uma vida acadêmica intensa, participando de vários congressos, como a Primeira Conferência Pedagógica da Bahia, em 1875; o Segundo Congresso Brasileiro de Geografia em 1911, em São Paulo e integrando diversas comissões: a Comissão do IGHB de Filatelia, numística, cerâmica e inscrições em 1894 e 1897; a Comissão de Estatística em 1901; a Comissão de a Comissão de Estatística em 1901; a Comissão de Estatística e Demografia em 1903, 1905, 1907 e 1909; a Comissão de Mapas, retratos e cartas geográficas em 911; a Comissão de Geografia, História e Etnografia em 1913. Foi membro do Conselho Superior de Instrução e escreveu Compêndio de Desenho Linear, Systema métrico Compêndio de Desenho Linear, Systema métrico decimal e Cartilha do ABC.

Referências

Cf. Falla do presidente da Cf. Falla do presidente da província para a Assembleia Legislativa Provincial da Bahia, 1879; Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública da Bahia, 1876; Correio Paulistano, 2 de agosto io Paulistano, 2 de agosto de 1910; MARTINS; SILVA; PEREIRA, 2019; SANTOS, 2020; SANTOS; SILVA; SANTOS, 2020; BLAKE, 1893; https://modosdefazer.org/educadores- sao/. baianos--quemquem--sao/

EMÍLIA DE OLIVEIRA LOBO VIANNA



Antonieta Miguel

A professora Emília de Oliveira Lobo pertencia ao quadro do magistério estadual desde 1897 e lecionava na cidade de Nazareth. A partir de 1907, com o convite do intendente Victório Falcão começou a lecionar no município de Salvador, assumindo a 4ª escola do sexo masculino, em o sexo masculino, em uma cadeira da Pituba, no distrito de Brotas na Brotas na Capital; e em novembro de 1911 foi lotada na Escola Elementar do sexo feminino, no Largo do Carmo, distrito da Rua do Paço com 14 alunas; em um ano e meio, 1914, mantinha quase 300 alunas matriculadas (296) e seis adjuntas sob matriculadas (296) e seis adjuntas sob sua direção. Emília Lobo sempre demonstrou conhecimento sobre a situação da instrução pública na Bahia se manifestando publicamente em defesa da classe do professorado e da educação se confrontando com as administrações do executivo, principalmente através dos jornais, tanto que na

primeira reunião da categoria para discutir ações diante da suspensão do professor Isauro Coelho e do atraso de dois anos do salário, o nome da professora figurou entre os membros da Comissão Central eleita em assembleia para representar a categoria; além disso, assinou o Manifesto Nação publicado nos jornais publicado nos jornais sobre os motivos do movimento do professorado, escreveu ao diretor do ensino em solidariedade ao professor Isauro Coelho se colocando em suspensão; e tinha voz atuante nas assembleias durante o movimento. Compôs a diretoria do Centro de Defesa do Professorado Primario Bahiano, criado em abril de 1918. Foi sócia efetiva do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia desde 1921.

Referências

Cf. SILVA, de 1921. Cf. SILVA,2006; SILVA, 2018; 2017bb; ALMANAK LAEMMERT, ; ALMANAK LAEMMERT, 1891--1940; COSTA; CONCEIÇÃO, 2001; Resumo dos 1940;
COSTA; CONCEIÇÃO, 2001; Resumo dos boletins escolares da 3ª Circunscrição, julho de 1914; Relação dos professores e adjuntos por districto com indicação de sexo, denominação e local de funcionamento de funcionamento da escola, 1921;
Mapa de classificação das escolas da 1ª Circunscrição — Primeiro semestre de 1908; Diário da Primeiro semestre de 1908; Diário da Bahia, 31 de março de 1918; Jornal Moderno, 09 de setembro de 1913.

FRANCELLINO DO ESPÍRITO SANTO PEREIRA DE ANDRADE



Antonieta Miguel

O professor Francellino de Andrade iniciou o magistério primário como adjunto do professor Eugenio Martins de Freitas, no distrito de Santo Antonio, na Capital, em 1900. Dirigiu em 1902 a escola de sexo masculino no distrito de Pirajá, em Periperi, com 57 alunos matriculados, com 3 premiados naquele ano na Exposição Escolar. Lecionou também na escola do sexo masculino do distrito da Vitória. Em 1915, com a instalação da Diretoria de Ensino Municipal, Francellino do Espírito Santo Pereira de Andrade foi nomeado para o cargo de Diretor em Comissão da Diretoria do Ensino Municipal, durante licença do professor Antonio Bahia; seis meses depois, Antonio Bahia reassumiu a função agora de Diretor Geral de Ensino, voltando o professor Francellino a seu cargo de

delegado escolar da 1ª circunscrição. Exerceu a função de delegado escolar também na 2ª, 4ª e 5ª circunscrição. Como os(as) professores(as) de sua geração, foi engajado na luta em favor do Estado republicano e da educação popular em diferentes formas de atuação política; participou ativamente do movimento de 1918 quando foi aclamado por seus colegas como presidente de honra do Comitê de Defesa do Professorado Primário da Bahia, atuando decididamente em 1924 para que a condição de vitalício fosse respeitada na legislação de 1925. No exercício profissional manteve sua postura aguerrida manifestando publicamente em discursos, matérias em jornais e relatórios sua opinião sobre a situação da instrução pública e do professorado. Escreveu com José Gonçalves Pereira o livro Methodo Phonographico Brasileiro; sua tese apresentada no Terceiro Congresso de Instrução Primária e Secundária foi publicada na revista Educação e Pediatria (RJ), em 1913, com o título O ensino da língua vernácula.

Referências

Cf. Relatório do Intendente Dr. Antonio Pacheco Mendes ao Conselho Municipal do Estado da Bahia, em 1º de janeiro de 1916; ALMANAK LAEMMERT, 1891-1940; SANTOS; SILVA; SANTOS, 2020; LUZ, 2013; A Cidade, 16 de fevereiro de 1918; Diário da Bahia, 03 de abril de 1918.

FRANCISCO JOSÉ DE SANT'ANNA



Isadora Xavier da Silva

Francisco José de Sant'Anna nasceu em 1857, na freguesia de Nossa Senhora do Amparo das Umburanas, na época pertencente à comarca de Caetité e, atualmente, Urandi. Era filho do também professor Martiniano José de Santana e de Maria Eulália de Santana, oriundos de Salvador. Ainda jovem, no ano de 1872, seguiu para a Escola Normal de Homens na capital, a fim de iniciar seus estudos secundários.

Assim que recebeu o diploma em 1875, o professor Sant'Anna permaneceu na capital, atuando como substituto na Escola da Freguesia de Brotas, posteriormente na cadeira do Rio Vermelho. Em 1876 prestou concurso e foi nomeado para a Escola do arraial do Brejo do Zacarias, em Pilão Arcado, onde ficou até 1880, quando em junho do mesmo ano conseguiu

remoção para a cadeira de Nossa Senhora do Gentio, na mesma localidade, fundou a "Aula Noturna Sete de Setembro", destinada gratuitamente à instrução de adultos.

Em 1889 foi removido e logo no ano seguinte assumiu a cadeira de São Sebastião do Cisco, até 1894, quando foi removido para a cadeira de Lagoa Real e reintegrado 4 meses depois à cadeira de S. Sebastião. Em 1896, foi nomeado professor efetivo da cidade de Caetité, permanecendo no cargo até 1904. Em Minas de Rio de Contas, que Francisco José de Sant' Anna consolidou sua carreira, no ano de 1905 assumiu a Cadeira Estadual do município. Segundo (MATOS; MIGUEL, 2021), o professor inicialmente dava aulas em sua casa, posteriormente, em 1905, o mesmo fundou a própria escola para o sexo masculino, que levava o seu nome, intitulada Internato e Externato Sant'Anna.

Francisco Sant'Anna integrou a diretoria do Clube Rio Contense, associação voltada para a sociabilidade e os interesses da elite letrada de Rio de Contas. Sua participação nesse espaço, predominantemente frequentado por homens brancos, revela não apenas seu prestígio social e intelectual, mas também sua habilidade em transitar por círculos de poder e influência em um contexto marcado por hierarquias raciais.

O Professor Sant'Anna teve três esposas, todas brancas, possuiu 11 filhos, sendo que duas de suas filhas também se tornaram professoras, Othilia Josephina de Santana e Otácia Sant'Anna. Francisco José de Sant'Anna exerceu o magistério por mais de 40 anos, aposentou-se em 1922 e faleceu em 29 de novembro de 1947, aos 90 anos. Seu legado foi registrado pela memoranda Helena Lima Santos, em um artigo intitulado "Coisas do Passado" publicado no jornal Tribuna do Sertão (1986), e atualmente uma das ruas de Rio de Contas possui o seu nome.

Referências

MATOS, Graciela de; MIGUEL, Antonieta. Intelectuais negros na República: ascensão social a partir da profissão docente (1889 - 1930). Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino, v. 2, n. 8, p. 142-164, jul./dez. 2021

SANTOS, Helena Lima. Coisas do passado. Tribuna do Sertão, Brumado, 06/10/1986, p. 10. MIGUEL, Antonieta. O professorado primário da Bahia: formação acadêmica, normatização legal e atuação política (1889-1930). UNEB, 2021.

MARTINIANO DE SANT'ANA[1]



Sâmila Rodrigues

Natural do distrito de Santana, nascido em maio de 1828, foi batizado na capital, na Matriz do Santíssimo Sacramento e Sant'Ana, aos três meses de idade em 10 de agosto daquele mesmo ano vigente. Pardo, filho de Gonçalo Borges e dona Antônia Maria de Santana, que consta como solteira em sua certidão.

Foi professor público primário do arraial das Umburanas, no município de Caetité. Casou- se duas vezes, sendo sua primeira núpcias com Dona Maria Eulália da Conceição, no dia 28 de fevereiro de 1854 no distrito de Santana, tiveram três filhos, mas

[1] Durante a pesquisa não foi encontrado registro fotográfico do professor Martiniano Santana.

somente o último filho do casal sobreviveu, Francisco José de Santana, nascido em 25 de maio daquele mesmo ano, três anos depois o professor perde sua esposa e viúvo, tem seu segundo filho, Octávio José de Santana, que só foi reconhecido como seu filho legítimo e herdeiro, somente no ano de 1864 a mãe não é mencionada em seu inventário.

Sua segunda núpcias foi com Dona Anna Joaquina Guimarães, casou-se sem comunhão de bens, o professor tinha então 63 anos, já com idade avançada. Segundo a carta de cunho "reservadíssimo" enviado a seu filho mais velho, o professor não se atenta aos altos do Art. que promulga a lei sobre o casamento civil, o que acaba por tornar seu casamento ilegítimo, já que além do erro de sua idade presente em seu título de eleitor, o professor também não apresenta a certidão de óbito de sua falecida cônjuge, Maria Eulália, o que torna seu casamento ilegítimo, e faz com que Dona Anna, perca seus direitos. O que gerou intenso atrito entre seu filho mais velho, Francisco José de Santana, e sua viúva, o que não significa que ela ficou desamparada, já que se encontra uma carta escrita pelo seu finado esposo, onde ele explica que vendeu uma casa no município de Caetité, pertencente à sua companheira, e o valor dessa venda deve ser a ela repassado.

Segundo o que consta, sobre sua trajetória docente, Martiniano de Santana, em 17 de junho de 1859, foi nomeado como professor interino da cadeira de 1° Letras das Umburanas. Esse cargo torna-se permanente somente 11 anos depois, em 7 de junho de 1870, quando o desembargador vice-presidente da Província confere a vitaliciedade ao professor público primário do arraial das Umburanas, no município de Caetité.

Como citado anteriormente, o professor Martiniano de Santana fez parte da experiência das escolas noturnas para adultos, inaugurando uma no arraial de Umburanas, em

1871. Nesse período, já era professor vitalício do arraial. No entanto, a experiência foi malsucedida, como informou em uma ata enviada ao diretor Francisco José da Rocha.

De acordo com (Santos, 2017, p. 65) O professor expressa sua visível frustração com o ocorrido, já que ele havia solicitado o aval para abrir as aulas noturnas e não esperou muito pelas matrículas, ainda assim, deu aulas para até quinze alunos, que foram deixando de serem frequentes. Um caso que era recorrente, a abertura e fechamento de escolas noturnas, devido principalmente a frequência dos alunos.

Não há mais registros sobre a atuação do professor Martiniano. Apenas consta sua jubilação da cadeira de 1ª letras do Arraial das Umburanas. Foi ordenado o pagamento integral de oitocentos mil réis, referente a vinte e cinco anos de serviço efetivo. Mandou-se passar o presente título e, posteriormente, serão pagos os direitos de 5%, totalizando quarenta e um mil e duzentos réis, conforme previsto no artigo 9222.

Sua trajetória docente ainda deixa lacunas a serem investigadas, principalmente em relação ao seu processo de instrução. Martiniano de Santana faleceu às 18:30 em sua residência na rua do Bangalô, sem testamento, aos oitenta anos, vítima de febre. Foi sepultado no cemitério Quinta dos Lázaros, na capital. O professor deixou quantias para seus herdeiros nas caixas econômicas estadual e federal, além de sua casa nas Umburanas. Acreditamos que Martiniano deixou um legado significativo para seu filho mais velho, Francisco José de Santana, que teve uma vida notável em sua trajetória docente.

Referências

SANTOS, J. C ; SANTOS, S. R; SILVA, F. M. . Mulheres e homens além da sala de aula: sociabilidades de docentes na Bahia entre a escravidão e o pós abolição. REVISTA ÁGORA (VITÓRIA) , v. 31, p. 1-27, 2020.

SANTOS, Jucimar Cerqueira dos Santos. Escolas noturnas para trabalhadores na Bahia (1870- 1889). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017. Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30443 >. Acesso em: 01 de jan de 2024.

SOUSA, Ione Celeste Jesus de. Escolas ao Povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia - 1870 a 1890. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos Pós Graduados em História /Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

PRESCILIANO JOSÉ LEAL



Antonieta Miguel

Presciliano José Leal foi professor da segunda cadeira da escola de meninos, que funcionava na Calçada, no distrito dos Mares e possuía, em 1895, 50 alunos e, em 1897, 70 alunos. Assumiu a função de delegado interino em 1903 e logo depois, em 1905, exerceu a função de 1º delegado escolar da 1ª, 2ª e 6ª circunscrição. Participou ativamente das organizações coletivas e dos movimentos de classe do professorado primário; exerceu a função de segundo secretário do Grêmio Beneficente do Professorado Bahiano em 1890, atuando aguerridamente em defesa da instrução pública e dos direitos do professorado. Com esse fim, publicou alguns artigos na imprensa baiana, com destaque para a Instrução Pública no Pequeno Jornal em que no Pequeno Jornal em que critica a permanência de práticas oligárquicas na recém-República. Foi presidente do Diretório

(1897(1897--1898) e da 1898) e da Assembleia Geral da Sociedade Bolsa de Caridade entre 1911 e 1916. Faleceu em 18 de outubro de 1919; era morador da Cidade Baixa, Rua do Imperador, nº 61.

Referências

Cf. LIMA, 2019; SANTANA, 2013; A reforma, 17 de julho de 1890; Pequeno Jornal, 14 de abril de 1890; Ofício de João Gonçalves Pereira para a Intendência Municipal em 16 de outubro de 1919.

VICENTE FERREIRA CAFÉ



Antonieta Miguel

O professor Vicente Ferreira Café se formou na Escola Normal da Bahia em 1901. Em 1903 assumiu como adjunto no magistério municipal no distrito de Itapoan; em 1904 substituiu o professor Manoel Theotimo d'Almeida na cadeira do sexo masculino no mesmo distrito e em 1906 toma posse como titular da 2ª escola do distrito de São Pedro. Na direção dessa cadeira participou ativamente das atividades do professorado municipal, em especial da Exposição Escolar e das Conferências Pedagógicas. Pertencente à geração republicana de professores, proferiu opiniões firmes em defesa do regime republicano, da educação e dos direitos do professorado e de responsabilização das autoridades governamentais sobre a situação da instrução pública. Foi uma das lideranças do movimento do

professorado municipal em 1918, compondo a Comissão Central do Professorado e se manifestando publicamente com discursos contundentes nas assembleias de classe ou escrevendo em jornais sobre a situação do magistério municipal diante dos atrasos, falta de pagamento dos salários e de solidariedade aos colegas punidos pela intendência. Manteve o espírito de luta por toda a trajetória profissional, sendo que em 1923 abriu ação junto ao Tribunal de Justiça da Bahia para garantir o pagamento de seu salário em atraso há 36 meses. Se aposentou em 1925.

Referências

Cf. LUZ, 2009; SILVA, 2017; ALMANAK LAEMMERT, 1891--1940; Diário da Bahia, 31 de 1940; Diário da Bahia, 31 de março de 1918; Diário de Notícias, 01 de fevereiro de 1913; A Cidade, 18 de fevereiro de 1918; A Hora, 25 de abriu de 1918; Jornal A Bahia, 14 de junho de 1904; O Imparcial, 4 de maio de 1918. O Imparcial, 4 de maio de 1918.

(IN) CONCLUSÕES

PARA FUTUROS PESQUISADORES

A proposição de um caderno de biografias dedicado a docentes negros na Bahia emerge como um projeto de profunda relevância histórica, social e pedagógica. Intenta-se, por meio desta iniciativa, iluminar trajetórias e contribuições frequentemente obscurecidas pela narrativa educacional hegemônica, predominantemente marcada por perspectivas eurocêntricas e brancocêntricas. Contudo, a concretização deste objetivo ambicioso impõe aos futuros pesquisadores a urgente necessidade de confrontar um cenário complexo, permeado por entraves documentais, metodológicos e até mesmo institucionais. As reflexões que se seguem, portanto, não configuram conclusões definitivas, mas sim um mapa de desafios e perspectivas para aqueles que se dedicarem a esta crucial empreitada.

Um dos obstáculos primordiais reside na intrincada teia da história da educação na Bahia, marcada por lacunas documentais significativas. A ausência, fragmentação ou dispersão de fontes primárias que atestem a vida e a atuação de docentes negros configura um desafio persistente. Arquivos escolares incompletos, registros administrativos lacunosos, a escassez de jornais da época que ofereçam uma visão plural e a raridade de documentos pessoais preservados são reflexos de um apagamento histórico estrutural. A pesquisa, nesse contexto, transcende a mera busca por informações; exige uma postura investigativa arguta, capaz de "ler nas entrelinhas" de documentos produzidos por instâncias de poder que historicamente marginalizaram essas vozes. A criatividade metodológica torna-se, assim, uma ferramenta indispensável para reconstruir narrativas fragmentadas e vislumbrar a

totalidade de experiências muitas vezes silenciadas.

Ademais, as fontes existentes invariavelmente carregam o peso de um viés eurocêntrico e brancocêntrico, que historicamente relegou a participação e as experiências de sujeitos negros na educação a uma posição periférica ou as representou de forma estereotipada. A análise dessas fontes exige um olhar crítico e descolonizador, capaz de desconstruir narrativas dominantes e identificar as brechas por onde emergem indícios de outras histórias, de resistências sutis e de agências individuais e coletivas que desafiaram o silenciamento imposto. A história oral, nesse sentido, apresenta-se como um recurso metodológico de inestimável valor, permitindo o resgate de memórias e perspectivas que não foram consignadas em documentos oficiais. No entanto, o acesso a potenciais entrevistados, cujas vivências podem remontar a um passado distante, demanda tempo, sensibilidade e a construção de uma relação de confiança que transcenda a mera coleta de informações. A dispersão geográfica e o receio de revisitar experiências marcadas pela discriminação racial podem representar barreiras adicionais a serem transpostas com ética e respeito.

A própria estrutura conceitual da história da educação, frequentemente ancorada em categorias analíticas que negligenciam as intersecções de raça, classe, gênero e religião, revela-se limitada para apreender a complexidade das experiências de docentes negros. Urge, portanto, a incorporação de perspectivas teóricas decoloniais e interseccionais que possibilitem uma análise mais contextualizada, reconhecendo as múltiplas dimensões que moldaram as trajetórias desses indivíduos e suas contribuições para a educação na Bahia.

Não se pode ignorar, outrossim, a possibilidade de encontrar resistências institucionais e culturais ao se empreender uma pesquisa que busca trazer à luz histórias marginalizadas. A dificuldade de acesso a determinados

arquivos, a desvalorização do tema por parte de algumas instâncias acadêmicas ou a persistência de um ceticismo em relação à relevância dessas narrativas para a história "oficial" da educação podem representar obstáculos significativos.

Soma-se a esse cenário, frequentemente, a escassez de financiamento e apoio institucional para pesquisas históricas que se dedicam ao resgate de vozes silenciadas, o que pode restringir o escopo e a profundidade das investigações.

Apesar dos desafios multifacetados, a construção deste caderno de biografias configura um campo de investigação vasto e promissor, capaz de gerar contribuições significativas para a historiografia da educação brasileira. Para trilhar este caminho com rigor e sensibilidade, sugere-se aos futuros pesquisadores a adoção de algumas diretrizes: ampliar o leque de fontes, explorando arquivos de associações negras, igrejas, sindicatos, acervos fotográficos e depoimentos de familiares e ex-alunos, revisitando fontes tradicionais com um olhar crítico e atento às ausências; investigar as intrincadas redes de sociabilidade e as trajetórias coletivas desses docentes, para além das narrativas individuais; analisar as complexas relações entre educação, raça e poder, investigando como as políticas educacionais e as práticas pedagógicas reproduziram ou desafiaram as desigualdades raciais no contexto baiano; explorar as dimensões culturais e religiosas que moldaram a formação e a atuação desses educadores; estabelecer um diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, como a história da África, a sociologia das relações raciais, a antropologia e os estudos culturais; e incorporar metodologias inovadoras, incluindo o uso de tecnologias digitais para a organização e divulgação de fontes, bem como abordagens da história pública para ampliar o alcance e o impacto social da pesquisa.

Em derradeira análise, a elaboração deste caderno de biografias transcende a mera compilação de relatos individuais.

Constitui-se como um ato de reconhecimento, de reparação histórica e de produção de conhecimento que pode inspirar as futuras gerações de educadores e pesquisadores. Ao enfrentar os desafios inerentes a esta empreitada com rigor metodológico, sensibilidade ética e um profundo compromisso com as histórias que buscam trazer à luz, os futuros pesquisadores contribuirão de maneira indelével para a construção de uma compreensão mais justa, plural e completa da história da educação na Bahia e do papel fundamental dos docentes negros na sua trajetória. Que a busca pela verdade histórica e o desejo de justiça social iluminem seus caminhos.

REFERÊNCIAS

Cf. Falla do presidente da Cf. Falla do presidente da província para a Assembleia Legislativa Provincial da Bahia, 1879; Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública da Bahia, 1876; Correio Paulistano, 2 de agosto io Paulistano, 2 de agosto de 1910; MARTINS; SILVA; PEREIRA, 2019; SANTOS, 2020; SANTOS; SILVA; SANTOS, 2020; BLAKE, 1893; https://modosde fazer.org/educadores- sao/. baianos--quemquem--sao/

Cf. LIMA, 2019; SANTANA, 2013; A reforma, 17 de julho de 1890; Pequeno Jornal, 14 de abril de 1890; Ofício de João Gonçalves Pereira para a Intendência Municipal em 16 de outubro de 1919.

Cf. LUZ, 2009; SILVA, 2017; ALMANAK LAEMMERT, 1891--1940; Diário da Bahia, 31 de 1940; Diário da Bahia, 31 de março de 1918; Diário de Notícias, 01 de fevereiro de 1913; A Cidade, 18 de fevereiro de 1918; A Hora, 25 de abriu de 1918; Jornal A Bahia, 14 de junho de 1904; O Imparcial, 4 de maio de 1918. O Imparcial, 4 de maio de 1918.

Cf. SILVA, de 1921. Cf. SILVA,2006; SILVA, 2018; 2017bb; ALMANAK LAEMMERT, ; ALMANAK LAEMMERT, 1891--1940; COSTA; CONCEIÇÃO, 2001; Resumo dos 1940;

COSTA; CONCEIÇÃO, 2001; Resumo dos boletins escolares da 3ª Circunscrição, julho de 1914; Relação dos professores e adjuntos por districto com indicação de sexo, denominação e local de funcionamento de funcionamento da escola, 1921; Mapa de classificação das escolas da 1ª Circunscrição — Primeiro semestre de 1908; Diário da Primeiro semestre de 1908; Diário da Bahia, 31 de março de 1918; Jornal Moderno, 09 de setembro de 1913.
f. SANTOS; PINTO, 2020; SANTOS, 2018; TOLEDO, 2008; O Cinzel, 20 de maio de 1919; 15 de O Cinzel, 20 de maio de 1919; 15 de março

de 1915; 10de março de 1913; 20 de janeiro de 1914;4denovembro de1914; https://academiacaetiteense.fandom.com/ptbr/wiki/Alfredo_Jos%C3%A9_da_Silvawiki/Alfredo_Jos%C3%A9_da_Silva Acesso em 14/02/2021; http://raquelprofessorinha.blogspot.com/2008/12/colegas--ee-professores--dede--rrachel.html Acesso em 14/02/2021achel.html Acesso em 14/02/2021.

MATOS, Graciela de; MIGUEL, Antonieta. Intelectuais negros na República: ascensão social a partir da profissão docente (1889 - 1930). Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino, v. 2, n. 8, p. 142-164, jul./dez. 2021

MIGUEL, Antonieta. O professorado primário da Bahia: formação acadêmica, normatização legal e atuação política (1889-1930). UNEB, 2021.

SANTOS, J. C ; SANTOS, S. R; SILVA, F. M. . Mulheres e homens além da sala de aula: sociabilidades de docentes na Bahia entre a escravidão e o pós abolição. REVISTA ÁGORA (VITÓRIA) , v. 31, p. 1-27, 2020.

SANTOS, Helena Lima. Coisas do passado. Tribuna do Sertão, Brumado, 06/10/1986, p. 10.

SOUSA, Ione Celeste Jesus de. Escolas ao Povo: experiências de escolarização de pobres na Bahia - 1870 a 1890. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos Pós Graduados em História / Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

SANTOS, Jucimar Cerqueira dos Santos. Escolas noturnas para trabalhadores na Bahia (1870-1889). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017. Disponível em: < https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30443 >. Acesso em: 01 de jan de 2024.



Cadernos de Biografias: Docentes negros na Bahia, no momento onde Organização das Nações Unidas discute a "crise global de escassez de professores", é um chamado para que tenhamos consciência do quanto se faz necessário que nos debrucemos na produção de narrativas sobre nós.

Pedro & João Editores
20 anos
pedropejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2550-0